

O IMAGINÁRIO DO SAGRADO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso
Universidade Federal de Sergipe- UFS

Introdução

A arte e a cultura, construções estéticas, históricas e sociais nas suas próprias formas de ser, testemunham o longo, natural e agônico processo de desenvolvimento da consciência humana e de civilizações do mundo através dos tempos. Produto da imaginação criadora, a arte, pela via da percepção, sensibilidade e reflexão, contribui para a transformação da sociedade, outorga ao homem o direito a questionamentos acerca do seu próprio espaço nela e suas relações com o outro.

No contexto da história da humanidade percebe-se que depois de vivenciar uma longa era marcada pelas ideias aristotélicas e pelo cristianismo dogmático que, de certa forma, dificultaram o desenvolvimento do pensamento científico, o homem celebra a chegada da modernidade, período em que se testemunha a cisão entre a ciência e a religião. A primeira, para desenvolver-se e constituir-se como saber teve que escapar do controle reacionário da Igreja. No mundo moderno, segundo Raissa Cavalcanti (2004, p.25), o elo entre ambas encontra-se totalmente desfeito, pois “estando a crença na espiritualidade associada ao pensamento obscurantista da Igreja, as pessoas ligadas à ciência viram-se forçadas a negá-la. O cientista, abrindo mão da crença no mundo espiritual e natural, retirou o sagrado da natureza e o substituiu pelo pensamento científico materialista”(2004, p.25).

Essa dessacralização da natureza se acentuou nos séculos XVII, XVIII e XIX marcados pelas ideias do Renascimento e da Reforma, pelo pensamento de Descartes, bem como pela aceleração no campo da tecnologia industrial. A Reforma, segundo Cavalcanti (2004), foi a grande responsável por moldar um tipo de consciência ligada ao controle e ao poder do homem sobre a natureza, agenciando, assim, a separação entre o mundo espiritual e o mundo material, o que causou danos irreparáveis à vida do homem moderno. Em vez de exercitar a cooperação entre seus pares, ele passa a valorizar a competição e a agressividade como formas de padrão ideal de comportamento. A busca incessante do lucro revela o desamparo e a insegurança do homem diante da vida e do futuro numa sociedade desespiritualizada; além disso, leva-o a fracionar-se, modificando a sua forma de pensar, sentir e de relacionar-se.

No entender de Cavalcanti (2004), a separação entre o afeto e a razão, entre o material e o espiritual, bastante incrustada na consciência coletiva nos dias atuais, que chega a parecer normal, assinala a flagrante disparidade entre o desenvolvimento intelectual e tecnológico e o desenvolvimento espiritual no ocidente. Neste sentido, observa aquela pesquisadora,

O espírito foi destronado e esquecido e todo o conhecimento das antigas tradições foi corrompido e desprezado. A consciência ocidental desenvolveu-se tomando a direção unilateral do racionalismo, mas um racionalismo desalmado que se pretende científico (CAVALCANTI, 2004, p.51).

Rudolf Otto (1989), nos seus estudos que tratam da análise das modalidades da experiência religiosa, conseguiu esclarecer o conteúdo e o caráter específicos dessa

O IMAGINÁRIO DO SAGRADO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe- UFS

experiência, voltando-se para o lado irracional que vê o ‘Deus vivo’ como um poder terrível, manifestado na ‘cólera’ divina. Descobre

o sentimento de pavor diante do sagrado, diante desse *mysterium tremendum*, dessa *majestas* que exalta uma superioridade esmagadora de poder; encontra termo diante do *mysterium fascinans*, onde se expande a perfeita plenitude do ser (OTTO, 1989, p. 25-26).

Otto entende todas essas experiências como *numinosas* (do latim *numen*, ‘deus’), pois são frutos da revelação de um aspecto do poder divino. Assim, o numinoso destaca-se como qualquer coisa de *ganz andere*, ou seja, totalmente diferente daquilo que é humano ou cósmico. A expressão *ganz andere* refere-se ao sentimento da profunda nulidade que o homem experiencia de não ser mais do que uma simples ‘criatura’.

Mircea Eliade, ao refletir sobre a vida religiosa do homem de todos os tempos, destaca que nas sociedades arcaicas ele tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados, pois para ele “o sagrado equivale a *poder* e, em última análise, à *realidade* por excelência. (...) potencia sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia” (1992, p. 16). Ressalta ainda que o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo da sua história. Entretanto, ele toma conhecimento do sagrado porque este se *manifesta* como algo diferente do profano. Já o homem ocidental moderno experiencia certo mal quando estar diante das muitas formas do sagrado, que, por sua vez, pode mostrar-se em pedras, árvores, entre outras hierofanias.

A problemática religiosa ocupa um lugar central na obra de Jung; seus últimos escritos tratam do fenômeno religioso. Para Jung (1999), a ideia de religião passa por uma observação conscienciosa daquilo que Rudolf Otto chamou de *numinosum*, e vale para qualquer tipo de religião, inclusive para as primitivas; essas por sua vez, repletas de experiências religiosas envolvendo a natureza, permitiam ao homem maior harmonia consigo mesmo e com o outro.

A vida do primitivo, segundo Jung (1999), é acompanhada pela contínua preocupação da possibilidade de perigos psíquicos, e são muitas as tentativas e procedimentos criados para reduzir tais riscos, dentre eles destacam-se os tabus, áreas psíquicas delimitadas que devem ser religiosamente observadas; além disso, há inúmeros ‘ritos’ mágicos cuja finalidade é a defesa contra as tendências imprevistas e perigosas do inconsciente. O homem moderno, tendo se afastado da natureza e superados alguns tabus encontra-se distanciado da vida religiosa e do sagrado.

Durkheim (1992), cujos estudos têm servido de base a diversas pesquisas que englobam a religião, afirma ser ela parte indissolúvel da sociedade maior, constituída por um certo número de coisas sagradas coordenadas e subordinadas, formando um sistema de unidade que atua com o propósito de oferecer, aos atores sociais, a possibilidade de dar sentido ao que é experimentado como destituído de sentido, destaca-se, aqui, o sagrado.

Na concepção de Marshal Berman, a modernidade propicia ao homem um ambiente que “promove aventura, poder, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao seu redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que sabemos, tudo o que somos” (1986, p. 15). Para aquele filósofo, a arte da

O IMAGINÁRIO DO SAGRADO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe- UFS

modernidade traduz a experiência do homem em relação a si mesmo e aos outros, ao tempo e espaço, às possibilidades e perigos da vida compartilhados por todos.

No decurso dos últimos dois séculos testemunhamos a derrocada do homem face a diversos aspectos da vida como o vazio e o empobrecimento espiritual, o apelo ao amor, entre outros. O mito surge, então, como uma das poucas opções capazes de reconduzi-lo ao centro de si mesmo. Então, diante dessa crise e do vazio que a modernidade trouxe para o homem moderno, este trabalho apresenta uma leitura do mito do sacrifício, na obra *A correnteza*, de Alina Paim.

Nessa obra, a protagonista tenta se aproximar do sagrado ao se sentir abandonada por todos de sua família. Assim, ela passa por marcantes questionamentos pessoais que envolvem o sagrado. Sua crise nasce por um rito de peregrinação, morte e o renascimento de modo a levá-la a experimentar as duas faces do Deus, algo da instância da ‘via crucis’ da alma. Para melhor sustentar esta argumentação, exploram-se os aportes teóricos de renomados mitólogos e estudiosos das religiões tais como Mircea Eliade, Rudolf Otto, E. Durkheim e Raissa Cavalcanti; além disso, dialoga com a psicologia analítica defendida por Jung e seus discípulos e com a crítica literária moderna.

Peregrinação e sacrifício da alma em meio à correnteza da vida (moderna).

A obra *A correnteza* (1978), da escritora brasileira Alina Paim, traz uma protagonista trabalhadora em crise consigo mesma, cuja falta de fé a acompanhou nas relações familiares, tornando-as desastrosas. Com essa personagem operária, identifica-se o esforço da romancista para dar visibilidade à mulher como sujeito do discurso e agente na história da humanidade. Embora reconhecendo as inúmeras possibilidades de leitura a que se presta uma obra literária, analisar o sagrado relativo ao feminino, mais especificamente às peregrinações da alma feminina, certamente contribuirá para desocultá-la das brumas da história.

O romance em tela narra a história de Isabel, uma dona de casa de cinquenta e três anos, que depois conseguir comprar sua casa, se vê abandonada por todos da família. Depois de lutar por realizar o ‘sonho’ da casa própria que, de acordo com a narradora, acompanha-a desde a infância “Antes de crescer da terra, lhe habitava a vida desde os doze anos” (PAIM, 1078, p. 6); porém não se trata de uma casa qualquer “A casa, mesmo enfileirada entre milhares de outras iguais, teria sinais de identificação própria” (PAIM, p. 6); Sozinha, ela passa a resgatar o passado que é intercalado por meio de devaneios.

O enredo se constrói a partir de múltiplos narradores que se vão integrando na história, segundo a importância de seus papéis em relação à vida da protagonista. Esses diferentes ângulos mostram, através de *flashbacks*, a triste infância de Isabel que, além de viver na pobreza padece com a falta de atenção e carinho da mãe, para quem “os filhos eram tantos que a cada um cabia apenas um gomo do amor, como em partilha de laranja” (PAIM, 1978 p.55), e com a rigidez do pai.

A narrativa destaca que a protagonista, durante parte da infância, alimenta uma forte cumplicidade e amor pela irmã mais velha, Mariana. Porém, aos treze anos um fato marca-lhe a vida: por ordens do próprio pai, abandona a escola a fim de trabalhar para ajudar a pagar os estudos de Mariana, prestes a concluir o normal. Isabel, então,

O IMAGINÁRIO DO SAGRADO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe- UFS

abdica do sonho de tornar-se professora de geografia, queria fugir da miséria, a decepção causa-lhe profunda tristeza.

Jung (1999) afirma que, diante de perdas consideráveis, o ego busca formas de compensação. Neste sentido, o desejo obcecado da protagonista que cada vez mais se reafirma “Vou ter uma casa” (PAIM, 1978, p.13), inscreve-se como maneira de compensá-las, levando-a a acelerar seu ritmo de trabalho, “O pano correndo sob a agulha, o ruído do motor, o farol da Singer clareando-lhe as pontas dos dedos. (...) foi nesse mundo de todas as noites que a teoria se firmou verdade” (PAIM, 1978, p. 10).

A partir do fatídico dia em que Mariana foi escolhida, Isabel passa a nutrir um profundo ódio contra o pai tirano, a mãe ausente e, principalmente, contra a irmã, identificando-se, portanto, com o lado obscuro da sua psique. Suas atitudes egocêntricas são patrocinadas pela regressão da energia que baixa ao nível do *autós*, fazendo com que aja de forma instintiva (primitiva); incapacitando-a de fazer julgamentos positivos. Na verdade, a sombra apodera-se do ego, de modo que a protagonista torna-se agressiva e maléfica, conforme atestam as suas palavras,

as pessoas fortes quando amam têm amor, quando odeiam amamentam o ódio, quando querem uma coisa afiam a vontade como espada e, se matam alguém, não se arrependem. Quem é forte está sempre do lado da justiça. Um forte não sente remorsos (PAIM, 1978, p. 68).

Isabel concentra-se agora na realização do seu sonho primeiro “Vou ter uma casa—grande, construída para mim. Uma casa Virgem” (PAIM, 1978, p.12). Para Jung, “os sonhos são a voz do desconhecido, que sempre está ameaçando com novas intrigas, perigos, sacrifícios, guerras e outras coisas molestas” (1999, p. 20). Na busca incessante pela realização do sonho Isabel torna-se uma ameaça à sua própria família, amigos e à sociedade.

Jung enfatiza que há arquétipos que correspondem a várias situações, tais como as relações com os pais, o casamento, confronto com a morte, entre outros. Porém, aqueles que tratam da relação com os pais e com familiares são os mais importantes e, portanto, problemáticos. Neste sentido, o fato de ela ter sido preterida em criança viabiliza, do ponto de vista psicológico, a irrupção de forças nocivas que invadem a consciência com suas convicções e impulsos estranhos, de modo que Mariana passa a ser o alvo da neurose de Isabel, que investe na possibilidade de tomar-lhe o noivo, Augusto, conforme ela argumenta,

Tem que ser de assalto, um pulo no fogo, sem lhe dar tempo de pensar. Era ficarem sozinhos e ela dar e arrancar. Marcou bote para a próxima vez. (...) de uma coisa sabia, questão de vida e morte: Augusto não podia pensar, nenhum minuto, um fiapo de segundo, tinha de ferver, o sangue borbulhar, antes de ter consciência. Uma vez, bastava. Uma era tudo. Vingo a escolha de Mariana, consigo quem trabalhe para mim, saio da casa-prisão (PAIM, 1978, p. 86).

O relato ficcional destaca que “Mariana e Augusto foram as primeiras coisas pisadas no caminho” (PAIM, 1978, p. 87). Na verdade, ela usa Augusto não apenas como marido, mas capacho, precisa economizar dinheiro para a compra da casa, seu “sonho de aço” (PAIM, 1978, p. 32).

O IMAGINÁRIO DO SAGRADO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe- UFS

Homem é quem sustenta a casa. Vou trabalhar pra fora, fazer a própria freguesia. Meu dinheiro você não vai saber a cor nem sentir o cheiro. Da minha bolsa se mete em Banco, até construir a casa. Quando tenho um sonho passo por cima de tudo e de todos, até conseguir (PAIM, 1978, p. 87).

A atitude da protagonista ratifica o pensamento de Jung(1993) ao defender que o homem tem motivos suficientes para temer as forças impessoais que se acham ocultas em seu inconsciente, pois modificam o seu mundo exterior, superam as suas crenças e valores. Isabel encontrava-se na sua ‘feliz’ inconsciência uma vez que tais forças nunca se haviam manifestado. E, embora a narrativa aponte passagens em que se podem constatar valores religiosos no contexto da formação da protagonista, “E a Virgem Maria pernitoou naquela casa de subúrbio. Era costume, de maio a junho, a imagem de Nossa Senhora visitar as famílias, trazida em procissão” (PAIM, 1978, 12), eles parecem de nada servir.

Além de Mariana, todas as outras ‘vítimas’ de Isabel estão relacionadas direta ou indiretamente à aquisição da casa. Chega mesmo a roubar a freguesia da sua patroa, Madame Julie, de quem “tomava-lhe toda a freguesia, o primeiro rato seria a Senhora-Dona-Viúva-de-Senador” (PAIM, 1978, p.162). Junte-se a isso o fato de ela se prostituir visando ao lucro “ganhei dinheiro trabalhando, isso também é trabalho. (...) não há perigo. São clientes escolhidos, figurões” (PAIM, 1978, p.208-209). Porém, a mais abominável entre todas as suas atitudes foi aquela em que investe contra a sua própria filha, a quem ela mata negando-se a pagar a cirurgia, conforme atesta a narrativa “Lúcia, quando você morreu eu quis morrer também. (...) quando caiei sobre o dinheiro no Banco, não fiz crime premeditado. Foi omissão” (PAIM, 1978, p. 134).

Após guardar dinheiro durante 25 anos, afinal entendia que “A segurança e a decência da vida se medem pelo saldo do banco” (PAIM, 1978, p. 13), Isabel, finalmente compra a casa. Porém, logo após a inauguração desta o marido morre de câncer; e dos cinco filhos paridos não lhe restava se quer um. O mais velho, Ricardo, havia casado cedo; Hilda havia partido; Julinda, ela expulsou de casa quando soube da gravidez prematura, gritando “sou capaz de matar. Ai de quem desonrar a minha casa” (PAIM, 1978, 131); Helio e Lucia haviam morrido quando a casa ainda estava em processo de construção. Restava-lhe tão somente a solidão “Olhos arrancando pela janela. Onde, todos eles? (...) o silencio se tornou minha família, marido e filhos e netos, nos dias e noites, agora” (PAIM, 1978, p. 6).

Estando na meia-idade, Isabel faz um ‘balanço’ na sua vida, o que caracteriza a segunda fase do processo de individuação, chamada também de metanóia nos termos junguianos. É o momento de confronto entre a consciência e o inconsciente, que tem seu início com a pessoa buscando refletir sobre a sua própria vida, mergulha dentro de si mesma na tentativa de ‘reparar’ os erros por ela causados. Trata-se de um acerto de contas com o passado e, no bojo deste processo, os fragmentos que compõem a personalidade, porém deixados para trás, como é o caso da sombra, deverão ser introjetados na personalidade, visando à expansão da consciência, ou seja, a nos tornar seres autênticos.

Jung (2000) destaca que a individuação é um processo que se inicia a partir da irrupção de determinados arquétipos e mitos que sempre nortearam a vida do homem religioso. No contexto da narrativa de *A correnteza*, a simples observação das árvores,

O IMAGINÁRIO DO SAGRADO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe- UFS

postadas em frente à casa de Isabel, parece ser o motivo detonador de todo o processo por que passa a personagem, causando-lhe medo, conforme se pode observar

Sempre tive queda por amendoeiras, árvores de caráter, os galhos brotam em prateleiras, presos ao tronco na mesma altura, como braços de gente saindo dos ombros. Se de repente essas amendoeiras pudessem correr atrás de inimigo, pobre infeliz, seria esmigalhado. (...) aqueles braços se enrolando nele, apertando num arrocho de jiboia, matando-o (PAIM, 1978, p. 155).

A passagem acima configura a descida da protagonista aos infernos, em que ela se vê amedrontada pelo metafórico abraço urobórico da serpente, de modo a sufocá-la. Em meio ao ‘devaneio’ Isabel faz um convite inusitado,

Neste momento, convido vocês, amendoeiras da rua, para ver minha jaula e eu dentro dela. (...) O exagero prende a pessoa, desliga das outras pessoas. Vou dar exemplo, o ciúme, a avareza, escrúpulo, piedade, até um sonho (PAIM, 1978, p. 156).

A casa-jaula é o espaço em que se encontra encarcerada a alma da protagonista, que luta por libertar-se. Antes, porém, necessita redimir-se cumprindo o ritual, o que somente é possível pelo viés do sofrimento, repetindo o mito cristão da morte e ressurreição. Isabel precisa vencer a ‘culpa’, carece de ser regatada das tentações mundanas, dos aspectos negativos de si mesma. O que equivale do ponto de vista psicológico à união dos contrários, ou seja, a harmonização do ego com o Self, a porção ordenadora da psique humana.

A narradora chama atenção para os constantes momentos de solidão de Isabel “Sozinha, balançando na austríaca, Isabel detém a vista na mala verde junto à parede da garagem, depósito de lãs, perto do moringo de barro cru” (PAIM, 1978, p. 58). Do ponto de vista simbólico, a mala representa viagem, partida. Entretanto, não se trata de um objeto qualquer, mas uma velha mala tomada como depósito; esta, por sua vez, encontra-se junto a um objeto feito de barro cru, portanto, rústico, o que remonta à viagem empreendida por Isabel, de volta às suas origens. Na verdade, o ego empreende um mergulho profundo no inconsciente na tentativa de resgatar resíduos deixados para trás.

Nesse contexto, a casa é um espaço sagrado,

Tal como a cidade e o santuário, a casa é santificada, em parte ou na totalidade, por um simbolismo ou um ritual cosmológico. É por essa razão que se instalar em qualquer parte, construir uma aldeia ou simplesmente uma casa representa uma decisão grave, por isso compromete a própria existência do homem: trata-se, em suma, de criar seu próprio mundo e “assumir” a responsabilidade de mantê-lo renovado (ELIADE, 1992, p. 50).

Em meio aos seus devaneios e da solidão, Isabel recebe de Dona Leocádia, sua vizinha, uma mensagem psicografada destinada à sua pessoa “Se acalme, Dona Isabel. É recado do seu marido que vi e ouvi, ontem, em toda a luz. Que essas palavras que ninguém entendeu em minha casa, sejam de sua compreensão” (PAIM, 1978, p. 122). Teria aquela mensagem a decifração do enigma? Enigma que ela pensou ser apenas seu. A personagem hesita em abri-lo; perturbada, pensou “vale uma casa na terra, outra casa

O IMAGINÁRIO DO SAGRADO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe- UFS

no inferno?” (PAIM, 1978, p. 73). E, “andando sem rumo, imaginava artimanhas de veranejar sem sair do subúrbio nem se arredar da casa. Quem ia montar guarda?” (PAIM, 1978, p. 18). Resolve mudar-se para o quartinho que ficava em cima da garagem dos fundos, fazendo cumprir seu ‘aparente’ desejo.

Isabel vai a uma loja de móveis, depara-se com uma mesa redonda com tampo negro que lhe chama a atenção “esta mesa me olha com intimidade. Sinto que a conheço. As duas, nos conhecemos. De onde?” (PAIM, 1978, p. 18). Jung defende que ao ativar um fator inconsciente, a regressão confronta a consciência com o problema da psique, diferentes do problema da adaptação exterior, é natural que a consciência resista em aceitar os conteúdos regressivos, porém tem que se submeter a eles, visando a uma melhor adaptação à alma, ao mundo interior da psique. O que implica na superação dos complexos.

No contexto da narrativa, esse confronto é determinado pelo Self, e tem como símbolo o círculo. Nesse sentido, cabe resgatar que,

Jung enumera uma série de imagens para o si-mesmo. Algumas delas são imagens que se manifestam em sonhos ou fantasias, e outras aparecem em relações e interações com o mundo. Estruturas geométricas como o círculo, o quadrado e a estrela, são ubíquas e frequentes (STEIN, 2003, p. 145).

Do ponto de vista simbólico a mesa é a experiência mais representativa da divindade, no mundo externo, o que sugere que a caótica psique da personagem está prestes a se reorganizar, sinalizada pela imagem do redondo.

Jung afirma que o princípio da progressão e da regressão está retratado no mito do dragão-baleia; neste entendimento, a entrada de Isabel no quartinho dos fundos metaforiza o mito cristão. O quarto inscreve-se como o altar do sacrifício, portanto, sagrado, em que a ‘iniciada’ agoniza até a morte na tentativa de redimir sua culpa. Sentada na poltrona Isabel lê a mensagem que o marido a enviou “Li todas as folhas do livro” (PAIM, 1978, p.137); Diante desta sente calafrios, arrependimento, medo; descobre que Augusto sempre soube de tudo que ela fez para conseguir comprar a casa dos seus sonhos.

os pelos se pondo em pé nos braços, no corpo. Augusto era homem de saber e calar. Guardou segredo do esconderijo de Julinda, da gravidez completa e do nascimento da menina. Santo Deus descobriu tudo que fiz, o dinheiro guardado. (...) a morte de Lúcia é outra folha do livro. Muito bem, Augusto. Pode arrancar essa folha, acabo de ler também (PAIM, 1978, p. 137).

Um profundo sentimento de vazio a invade; pensou ela que seus segredos ainda permaneciam sob a pedra do tempo. A protagonista vomita pela janela algo quente, como se de suas entranhas subisse para a boca a amarga porção que fez a todos ingerir no passado, “Augusto me empreste seus olhos e uma balança; Aurélia não me desafie, estou cansada com desejo de virar um grão de milho e me esconder na terra” (PAIM, 1978, p. 218); lembrou-se, porém, do sermão do padre “para viver a semente tem que morrer” (PAIM, 1978, p. 218). Embora tombada por sobre a poltrona, insistiu

jogue sua luz, Augusto. Se decifrar o mistério da semente, descubro o meu também. A casa não possui valor algum, perdi a vida por ela, perdi todos vocês. Mas ainda, ainda, estou viva. Salto do tempo afogado para esta hora,

O IMAGINÁRIO DO SAGRADO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe- UFS

este minuto que se marca em todos os relógios do mundo. Da ruína da jaula salto nascida, analfabeta, pobre e pequena. Tenho de tudo aprender: respirar, olhar à direita e à esquerda, usar as mãos e os pés, falar, soletrar os sentimentos, dar ofício ao coração (PAIM, 1978, p. 219).

A citação acima reflete aos apelos e ao sofrimento de Isabel, que expressam a profunda degradação do ego. Segundo Edward Edinger (1995), a tortura e a humilhação, associados ao sacrifício, pertencem à fase de *mortificatio* da individuação, pois a experiência do si-mesmo é sempre uma derrota para o ego. O tema do sacrifício circunscreve o sentido mesmo da metanóia em Jung, entendida como inversão da direção da vida psíquica, portanto desempenha papel fundamental nas fantasias inconscientes. O termo *sacrum facere* tem sua raiz no latim e se refere ao sagrado. Assim, o ego é o objeto oferecido no ‘altar’ do self, a divindade.

A tortura psicológica da personagem está para a crucificação, no contexto do mito cristão. Ela representa a justaposição de opostos, a integração da sombra do ego, portanto é uma *coniunctio*, cujo produto é o Self representado pelo Anthropos, o homem integral, renascido, conforme se observa na narrativa

Respirou fundo, corpo e alma em abandono. Encheu os pulmões, apenas de ar. Encheu a alma e o sorvo rescendia a alfazema. Cheiro de parto. Pari eu mesma, sou mãe e sou recém-nascida (PAIM, 1978, p. 219).

O parto, um rito de passagem associado ao sagrado, pois efetiva o milagre da vida, tem seu paralelo na ressurreição. Do ponto de vista simbólico é a reconstituição do corpo desmembrado de Osíris. A morte e renascimento de Isabel correspondem à morte e renascimento do processo de individuação; depois do *nigredo*, vem a alvorada trazendo o sereno e a luz “E Isabel adormeceu, braços largados, mãos no regaço, palmas para cima, no jeito das folhas que pedem luz e sereno” (PAIM, 1978, p. 219). O que remete à vitória do ego em meio ao sacrifício na busca pela expansão e transformação da personalidade.

Considerações finais

Conforme foi mostrado, o romance *A correnteza* trata da história da personagem Isabel pelos desvãos de uma vida impregnada de orgulho, inveja e rancor motivados pelo sonho de possuir a sua própria casa: exuberante, a mais alta e melhor casa do subúrbio, com direito a torre e jardim; para tal, passa por cima de tudo e de todos, inclusive da própria família. Depois de muito sofrimento alcança a felicidade secreta, pelo viés da sacralização do espaço em que se dá a redenção, de modo que se reconcilia com sua solidão. Do ponto de vista da psicologia analítica, corresponde ao ego e seus vagares pelos labirintos de sua transformação e conseqüente integração com o Self a pós cumprir um ritual de sacrifício pelas vias da ‘peregrinação entre o inconsciente e a consciência.

A obra dialoga com a proposta dos críticos elencados, principalmente com a psicologia analítica de Jung que tenta mostrar que a fragmentação do homem moderno é proveniente da cisão entre o pensamento racionalista e a religião; em meio a essa corrida acelerada para o ‘progresso’ ele se deslumbra ante a alta tecnologia, fazendo

O IMAGINÁRIO DO SAGRADO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe- UFS

disso o seu ‘mundo’ em cujo centro ele está, e não mais Deus. A fé torna-se algo distante, de modo que transformado em um ser alienado, prepotente e egoísta resta-lhe apenas buscar as origens de si mesma, buscar seu passado na tentativa de reconstruir uma sociedade mais justa, mais humana.

No romance de Paim há um chamamento para a possibilidade de o homem reconstruir-se pelo viés da experiência com o sagrado, nela testemunhamos a repetição do mito cristão da morte e ressurreição. A personagem Isabel para se redimir da sua culpa desce ao subterrâneo de si mesma, tendo que confrontar-se com seus próprios monstros, conforme atesta a narradora

Quando minha vista foi atraída pela mesa, comecei a montar a ponte sobre as águas. Minha vida, um rio? Margem esquerda a casa, margem direita a garagem. (...) na direita reina Deus e a santidade, na esquerda Satanás e a perdição” (PAIM, 1978, p.74).

Neste contexto, a protagonista experiencia a dupla face da divindade, o *mysterium tremendum*; passeia pelo lodaçal, transforma-se em verme e readquire vida a partir da sua própria decomposição. Aprende que a vida é composta de grandes e pequenas coisas, todas representativas para o ser humano. Assim, Isabel metaforiza o estado de fragmentação e divisão do homem ocidental capaz de provocar considerável desconforto psíquico, forçando-a a empreender uma descida aos porões de si mesmo; tal experiência viabiliza o desejo inconsciente de retorno a uma visão da Totalidade que propicia a cura da cisão e o estado de fragmentação em que se acostumou a viver, o que a torna uma vítima a se debater na ‘correnteza’ da vida moderna.

Referencias bibliográficas

CAVALCANTI, R. *O retorno do sagrado: a reconciliação entre ciência e espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2004.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EDINGER, E. *O arquétipo cristão*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1995.

ELIADE, M. *Tratado de história das religiões*. Tradução Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

O IMAGINÁRIO DO SAGRADO NA FICÇÃO DE ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso

Universidade Federal de Sergipe- UFS

JUNG, C. G. *Psicologia e religião*. Tradução Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *A energia psíquica*. Tradução Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 2002.

------. *Os arquétipos do inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

OTTO, R. *O sagrado*. Tradução João Gama, Lisboa: Lisboa Codex, 1989.

PAIM, Alina. *A correnteza*. Rio de Janeiro, Record, 1978.

STEIN, M. *O mapa da alma*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2003.